

Ecologia: um tema ainda incipiente entre os batistas brasileiros

Ecology: a still incipient theme among Brazilian baptists

Ecología: un tema todavía incipiente entre los bautistas brasileños

Alonso Gonçalves

RESUMO

Os batistas, pertencentes à mesma matriz teológica e histórica do protestantismo de missão que se instala no Brasil a partir do século 19, são, de certa maneira, herdeiros da mentalidade que se produziu na Modernidade. O desenvolvimento histórico-eclesiástico dos batistas se deu a partir de temas que estavam em pauta na Modernidade como a liberdade individual e o progresso científico. Esses valores ajudaram a sedimentar a denominação nos Estados Unidos e, conseqüentemente, no Brasil. Para uma denominação que, comprovadamente na sua trajetória, sempre se aliou com os temas correntes do seu tempo, os batistas brasileiros ainda não se deram conta de um tema de grande importância para a sociedade – a questão ecológica. É a partir de algumas constatações no âmbito denominacional que o artigo pretende contribuir para um agir mais significativo com o tema proposto – ecologia e os batistas – com uma leitura teológica engajada.

Palavras-chave: Ecologia; protestantismo; Igreja Batista; escatologia; práxis religiosa.

ABSTRACT

Baptists, belonging to the same theological and historical matrix of the so-called Protestantism of Mission that came to in Brazil from the 19th century onward, are, in a sense, heirs of the mentality that produced in Modernity. The historical ecclesiastical development of the Baptist Church is linked to typical topics of Modernity as individual freedom and scientific progress. These values helped to sediment the denomination in the United States, and consequently, in Brazil. Beside this fact to be part of a denomination that has always shown the capacity to allied himself with the key issues of his time, Brazilian Baptists have not yet embraced a topic of great importance for society – the topic of ecology. This paper, based on some denominational documents, aims to contribute to a more significant involvement with the theme proposed – ecology and Baptists – by an engaged theological reading of the respective texts.

Keywords: Ecology; protestantism; Baptist Church; eschatology; religious praxis.

RESUMEN

Bautistas, que pertenecen a la misma matriz teológica e histórica del protestantismo de la misión que se instala en el Brasil con el siglo 19, son, en cierto sentido, los herederos de la mentalidad que produjo la Modernidad. El desarrollo histórico de las iglesias bautistas-tomó de los temas que estaban en la agen-

da de la modernidad como la libertad individual y el progreso científico. Estos valores ayudaron a sedimentar la denominación en los Estados Unidos, y, en consecuencia, en el Brasil. Para una denominación que se ha demostrado en su carrera, siempre se alió con los temas de actualidad de su época, los bautistas brasileños no han dado cuenta de un tema de gran importancia para la sociedad – las cuestiones ecológicas. Es a partir de algunas de las conclusiones en el documento confesional tiene como objetivo contribuir a un acto más significativo con el tema – la ecología y bautistas – con una lectura teológica comprometida.

Palabras clave: Ecología; protestantismo; Iglesia Bautista; escatología; praxis religiosa.

Introdução

Conversando com um jovem da igreja (batista), ele dizia que fora visitar outra igreja e lá o assunto foi sobre o lixo e de como as pessoas deveriam cuidar do meio ambiente. Esse foi o tema do sermão naquele dia. Fiquei impressionado com o rapaz quando comentou: “Por que vou a uma igreja para ouvir sobre o lixo e o meio ambiente? Igreja não é lugar para se falar disso!”. Infelizmente a compreensão daquele jovem de que meio ambiente e igreja não tem qualquer relação é compartilhada por muitos membros das igrejas, acostumados a enxergar o cristianismo como tendo apenas um sentido, o vertical. É claro que existem alguns motivos para essa dissociação entre igreja e ecologia/sustentabilidade. Não se ouviu sermões abordando o tema e quando há, ele é desqualificado como não sendo espiritual o bastante; a educação cristã fornecida no período que comumente chamamos de Escola Bíblica Dominical (EBD) não se aborda o assunto de maneira sistemática por entender que o mesmo não faz parte da missão da igreja e, por isso, não é necessário ficar ocupando o tempo das pessoas com esse assunto.

Indubitavelmente essa concepção não surgiu no vazio, ela é fruto de uma maneira de entender e enxergar a vida e suas ramificações como independentes entre si. No caso do protestantismo, gestado na gênese do progresso científico, ou seja, ele é herdeiro de uma era em que o futuro é pensado a partir da máquina tendo no avanço econômico o termômetro do desenvolvimento humano, essa dissonância entre vida religiosa e meio ambiente é ignorada, até porque os paradigmas que favoreciam o pensamento e a dinâmica da vida eram outros.

A Modernidade, enquanto produtora de conhecimento e ideologia teve como patrocinadores Francis Bacon e René Descartes, seus principais expoentes fornecendo subsídios teóricos. O primeiro viveu na opulência econômica da Inglaterra e elaborou um método científico que ia além da mera análise empírica. Para Bacon, a natureza deveria ser dissecada, inquirida, como se faz com um réu no tribunal (BRAGA; GUERRA; REIS, 2004, p. 54) para tirar dela todas as suas possibilidades. Quanto ao segundo, Descartes, este concebeu o ser humano como uma máquina e o

cérebro com único meio de interação e conhecimento (BRAGA; GUERRA; REIS, 2004, p. 98).

Quando se estabeleceu a relação do ser humano com o mundo sob o paradigma do sujeito-objeto, inaugurou-se uma ideologia, a de que a ciência triunfa sobre a natureza, ignorando os seus limites e espaços. A proposta da Modernidade foi subjugar a natureza ao conhecimento científico, não se importando com as consequências que advinha disso. Não havia uma preocupação ecológica, o interesse era desvendar a natureza e tirar dela todo o proveito possível para o desenvolvimento econômico e científico. Hoje colhemos as consequências desse comportamento ao longo dos séculos.

O protestantismo, a rigor, é fruto da Modernidade, portanto, compartilhou, de certa forma, com essa ideologia. Com a ênfase no indivíduo e o processo de dessacralização do mundo, a natureza foi vista como sendo útil para se alcançar o desejado progresso. A natureza passa a ser meramente matéria-prima para a atividade econômica. Decorrente disso foi a omissão para com a natureza como criação de Deus e, como consequência, a ausência de uma espiritualidade ecologicamente militante. O protestantismo, como um dos protagonistas do sistema capitalista – se seguirmos aqui a compreensão de Max Weber (2001) – contribuiu para o aperfeiçoamento do atual sistema exploratório da natureza quando adotou a noção utilitarista¹ dos recursos naturais ao invés de nutrir a indicação bíblica que apresenta a noção de mordomia e corresponsabilidade do povo de Deus para com o meio ambiente.

“Sou forasteiro aqui, em terra estranha estou”: aspectos da eclesiologia batista que ainda dificultam uma inserção significativa na sociedade

Ainda que de forma sintética, é preciso, a meu ver, esboçar algumas características da eclesiologia batista que, de um modo geral, se identifica com outros ramos do protestantismo de missão no nosso país. Até onde podemos ver, não apenas em pesquisas bibliográficas e notícias veiculadas na grande mídia, o protestantismo brasileiro abarca uma enorme diversidade litúrgica, teológica e hermenêutica tendo como consequência a concepção de “mundo” e a noção de inserção na sociedade com diferentes ênfases. Há autores que contribuem para um mapeamento da mentalidade protestante e sua eclesiologia, nesse caso não apenas batista. Aqui importa alguns aspectos da eclesiologia protestante, de um

¹ Faço uso do conceito Utilitarismo pensando na corrente filosófica que atribuía valor à finalidade prática de um elemento, fenômeno ou processo com o fim de produzir o máximo de felicidade ao maior número possível de pessoas. Um dos representantes dessa corrente foi o economista inglês John Stuart Mill (1806-1873).

modo geral, que, de certa maneira, se expressa na eclesiologia batista, que é o nosso foco mais adiante.

Sobre a eclesiologia protestante, Antônio Gouvêa Mendonça é enfático quando analisa a implantação do protestantismo de missão em terras tupiniquins e afirma que a igreja que se configurou no País tem uma forte “ligação com a cultura religiosa [norte] americana, menos estável e em constante ebulição, com tendência para manter confronto com a cultura brasileira” (MENDONÇA, 2002, p. 25). Essa igreja que, na sua gênese, teve uma forte ligação com a cultura norte-americana, desenvolveu uma eclesiologia com uma agenda missionária e pastoral a partir da teologia estadunidense. Isso se traduziu, por exemplo, na marginalização de temas que o País, na sua trajetória política, discutiu sendo a participação protestante ínfima como no caso do movimento pelas “Diretas Já”, mobilização em torno da redemocratização do Brasil.

Por um bom tempo, a eclesiologia que se forjou no País ignorou temas correntes como a pobreza e a exclusão social, por exemplo. Mesmo havendo exceções, como Richard Shaull e Rubem Alves que marcaram sua geração pela postura profética e articulada com teologias libertárias, não foi o suficiente para promover uma maior participação dos protestantes em temas recorrentes da sociedade. Isso se deve, dentre outros fatores, segundo Alves porque a igreja se propôs a “salvar almas, transformar corações. O problema estrutural não é esfera de sua competência, mas está sob o poder e a responsabilidade dos magistrados que Deus para isto estabeleceu” (ALVES, 2005, p. 260). Com uma teologia da espera sendo pregada e cantada, favoreceu para que a igreja tivesse uma participação tímida diante dos temas sociais e políticos do País.

Esse aspecto macro da eclesiologia protestante também se verifica na eclesiologia batista, não poderia ser ao contrário, uma vez que o protestantismo de missão tem sua matriz norte-americana.

Dentro desse aspecto, Israel Belo de Azevedo, fazendo uma análise do pensamento batista brasileiro² pontua as consequências do imaginário celestial, ou seja, a ideia de que os cristãos estão apenas aguardando os “céus” contribuiu para que a igreja, de alguma forma, se sentisse descompromissada com a sociedade e, como consequência, com os seus principais temas (AZEVEDO, 2004, p. 172ss). Essa noção de transitoriedade da igreja decorre da ideia de que tudo que acontece ou irá acontecer está sendo direcionado pela bendita e soberana vontade de Deus e diante dessa verdade não há nada que se possa fazer para mudar a realidade.

Corolário a essa característica, ainda dentro da eclesiologia batista, que a meu ver contribuiu para um distanciamento entre a igreja e a

² Seu livro, *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*, é fruto de sua tese de doutorado em Filosofia na Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

sociedade, pelo menos no seu sentido de engajamento, é a concepção e o debate teológico em torno do milênio. A escatologia milenarista, mas principalmente a discussão sobre as diferentes interpretações milenaristas como amilenismo, pré-milenismo e pós-milenismo, sempre foram o principal motivo de disputas teológicas entre os pastores batistas. A correta interpretação acerca do milênio, significa também uma correta interpretação da igreja em relação ao mundo e a sociedade. A vertente do milênio que mais atraiu, e que ainda atrai adeptos em alguns ambientes teológicos, é o pré-milenismo. O teólogo batista mais influente na disseminação e ensino sobre o pré-milenismo em Seminários e Faculdades de Teologia foi o Prof. Dr. Russell P. Shedd (1983). O pré-milenismo entende que o ser humano é incapaz de se aperfeiçoar e quanto mais houver o caos, maior será a “glória de Deus”. Quando o Senhor Jesus Cristo retornar e instaurar o milênio (= Reino de Deus), as coisas entraram nos eixos definitivamente. Essa concepção ganhou força e o resultado foi o progressivo distanciamento entre a igreja e a sociedade, de maneira sorrateira. A igreja, voltada para si mesma, concentrou-se na evangelização e nas missões estrangeiras e outros temas foram solapados por essa concepção teológica, inclusive o tema da ecologia por entender que tudo que ocorre ou que irá ocorrer é sinal da “glória de Deus”. Um exemplo dessa concepção vem do pastor e teólogo presbiteriano John MacArthur Jr. que tem boa acessibilidade entre os pastores batistas e o universo presbiteriano de modo geral. Alguém que é lido e citado nos sermões de igrejas protestantes tradicionais. No seu livro, *A sós com Deus: o poder e a paixão pela oração*, no capítulo intitulado “*Venha o teu reino*” ele diz:

A igreja tem uma única missão neste mundo: levar pessoas destinadas a passar a eternidade no inferno ao conhecimento salvador de Jesus Cristo e à eternidade no céu. Se as pessoas morrerem em um governo comunista ou em uma democracia, sob um ditador tirano ou benevolente, acreditando que a homossexualidade é certa ou errada, ou acreditando que o aborto é direito fundamental de escolha da mulher ou simplesmente um homicídio em massa, nada disso tem relação com onde elas passarão a eternidade. Se elas nunca conheceram Cristo e nunca o receberam como Senhor e Salvador passarão a eternidade no inferno. [...] Um dia o Senhor voltará para estabelecer o seu próprio reino perfeito. Então finalmente perceberemos o que temos esperado com tanta ansiedade – e o que os discípulos de Cristo do primeiro século desejavam ver - Cristo governar na terra e os povos do mundo prostrados de joelhos perante Ele (MACARTHUR, 2009, p. 193).

Como se observa, a preocupação última se dá em “tirar pessoas do inferno”. Temas como política, casamento de pessoas do mesmo sexo, pobreza e marginalização social são colocados em segundo plano, porque, afinal, quando da segunda vinda de Jesus tudo irá se resolver e um

tempo de paz e prosperidade se estabelecerá por meio do milênio. Essa é a principal temática que ainda suscita disputas e debates teológicos entre os batistas de tendência progressiva (considerados “liberais”) e batistas conservadores (considerados “fundamentalistas”).

Livros de maior sucesso editorial no Brasil foram os de escatologia. Ricardo Quadros Gouvêa (2008), por exemplo, escrevendo sobre os principais livros que “fizeram a cabeça” dos evangélicos, lista quarenta livros e desses quatro são escatológicos de tendência pré-milenista. Em décadas passadas não há nenhum registro de uma publicação abordando o tema da ecologia, por exemplo, isso mesmo depois da “Eco 92” que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. A Igreja Batista, enquanto denominação que se expressa pelo seu órgão maior que é a Convenção Batista Brasileira (CBB), não publicou nada a respeito.

O resultado desse imaginário celestial foi à completa apatia da igreja concernente a sua participação política e o seu engajamento em assuntos de interesses da sociedade. O isolamento social, sustentado pela concepção pré-milenista da história, ocasionou no ostracismo da igreja. A partir do momento em que a história é concebida como algo preexistente, já dada, consumada, o que se pode esperar da igreja é a ideia de que as pessoas precisam se separar do mundo (lê-se dos temas deste) e aguardarem o retorno iminente de Jesus enquanto se purificam dos pecados desta terra (AZEVEDO, 2004, p. 296).

Mas nem tudo se configurou desta maneira. É preciso dizer também que sempre houve, em décadas passadas e hoje, outra ala dentro da Igreja Batista que pensou em questões e temas capitais para o País. A maior expressão disso foi à participação de pastores batistas com destaque na denominação como David Gomes, Hércio da Silva Lessa, Merval Rosa e Isaías da Silva Rego dentre outros, presentes na Conferência do Nordeste que ocorreu em 1962 na cidade de Recife, PE, mobilizando cristãos militantes das causas sociais no País. O impacto da Conferência foi grande no universo protestante evangélico, mas, infelizmente, as condições do País a partir de 1964 não favoreceram os desdobramentos da Conferência entre as principais denominações. O contexto político do País, mergulhado na ditadura militar, desfavoreceu o engajamento de muitos teólogos no País e, até mesmo, no interior das igrejas por serem taxados, inconsequentemente, de marxistas.³ Os batistas, na Assembleia da Convenção Batista Brasileira em 1963 (Vitória, ES), ou seja, um ano depois da Conferência do Nordeste, produziu um texto conhecido como *Manifesto dos Ministros Batistas do Brasil* (LOPES; RENDERS, 2010, p. 212-221) em que assumem os desafios sociais do País e os compromissos

³ A Conferência do Nordeste completou recentemente 50 anos. Para comemorar a data foi lançado em 2012 o livro *As igrejas e as mudanças sociais: 50 anos da Conferência do Nordeste*.

so para com o tema. O texto só foi divulgado em 1964 (!) pelo pastor Hécio da Silva Lessa (1926-2009). Um assunto que, infelizmente, não logrou êxito entre os batistas brasileiros porque não provocou reflexão e mudanças teológicas nas camadas estruturais da denominação. Hoje, é possível ver a Aliança de Batistas do Brasil – órgão ecumênico com representatividade no Nordeste brasileiro, mas com associados em quase todo o território nacional –, que vem se notabilizando pelo diálogo com a sociedade e suas demandas, propondo, sugerindo e refletindo (Cf. também SILVA, 2013).

Os batistas e a ecologia

Os batistas, devido ao seu sistema de governo eclesiástico, no qual cada igreja é autônoma e democrática, têm dificuldade em desenvolver algo que chame a atenção do País para a questão ecológica. O que é frequente entre as comunidades, em algumas, é o trabalho de base, a reflexão bíblica e teológica com os membros da igreja em relação ao tema. Quando essa reflexão for possível em âmbito nacional, poderemos ver pessoas que, acostumadas a enxergarem a igreja apenas como “porta para o céu”, a entender que a vida é uma teia que envolve todas as áreas da existência e a espiritualidade pode, perfeitamente, ser empregada na militância por um bairro mais arborizado, por um rio mais limpo, por uma área verde mais preservada.

A igreja não está isenta da atividade econômica do sistema globalizado capitalista que visa meramente o lucro e não respeita, na maior parte das vezes, a diversidade da vida, a formação geográfica natural de um lugar, a nascente de um rio, a biodiversidade de uma mata. Por viver neste contexto ela precisa enxergar o meio ambiente como alvo da missão de Deus, por entender que a presença de Deus perpassa a criação e que o ser humano é parte integrante desse ecossistema.

Dois importantes eventos mobilizaram os batistas para a reflexão ecológica. O primeiro deles foi a 91ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira que aconteceu na cidade de Niterói, RJ e o tema, muito oportuno, foi “*Vida plena e meio ambiente*”. O segundo foi a Rio+20 que teve participação da Aliança Batista Mundial.

No primeiro evento, foi criada a chamada Carta de Niterói (2011).

Carta de Niterói

Nós, batistas brasileiros, reunidos na cidade de Niterói/RJ, em janeiro de 2011

1. CREMOS que o Universo e o ser humano foram criados por Deus para a sua glória; a vida e o Universo, em todos os sentidos, foram dados ao ser humano como um presente de Deus; o Universo foi dado ao ser humano para a sua morada, sustento e para o desenvolvimento de sua história de vida; o ser humano foi criado como um

ser livre, mas, ao mesmo tempo, dependente da soberania de Deus; Deus delegou ao ser humano a gestão sábia, criativa e sustentável de sua vida e da natureza; depois da queda e rebeldia após a criação, o ser humano desvirtuou-se dos propósitos divinos da criação e passou a gerir sem sabedoria a sua vida e a natureza, sem se preocupar com a sua sustentabilidade; que o Evangelho de Jesus Cristo traz não somente a restauração espiritual do ser humano, mas uma nova vida e esperança à humanidade; que os ideais do Evangelho de Jesus Cristo recuperam os ideais originais da criação reconciliando-a com o Criador.

Neste primeiro ponto, a Carta reconhece a criação e o ser humano como obra de Deus, portanto, a relação ser humano e natureza estão interligados por vontade divina. Chama atenção o aspecto da dependência do ser humano do planeta, sendo este indispensável para o seu desenvolvimento e história de vida. Uma vez tomando consciência disso, cabe ao ser humano cuidar, preservar, e de maneira sábia elaborar mecanismos sustentáveis para a vida no planeta tirando dele, de forma responsável, o sustento da vida. No quesito salvação, o texto esclarece que o Evangelho não pode se ater apenas ao aspecto redentivo, mas ele abarca todas as dimensões do ser humano, mesmo confundindo, em algum momento, a aceitação meramente doutrinária do Evangelho com as realizações do ser humano no seu cotidiano.

2. Neste sentido, DECLARAMOS que ao longo da história, o ser humano ultrapassou os limites da gestão sustentável da natureza e que, por conta dessa atitude, o Planeta Terra está em perigo; já não é possível mais o ser humano continuar a ser um consumidor da realidade, da vida e do Planeta Terra; os dilemas ambientais e ecológicos não afetam apenas o cosmos, mas também a natureza humana e, neste sentido, o ser humano como um microcosmo também tem prejudicado a sua saúde física, mental-emocional, social e espiritual pelo inconsequente e imediatista estilo de vida adotado; os cristãos, em geral, têm se preocupado mais com a redenção espiritual do ser humano, nem sempre considerando o ser humano e a vida em todos os seus aspectos.

A Carta assume a negligência humana para com o meio ambiente e denuncia a exploração predatória do planeta. A forma de vida adotada pela sociedade contemporânea vem afetando a natureza e prejudicando a vida humana. Quando o consumo se torna o único meio de entender a vida, o planeta sofre com as consequências dessa desenfreada busca por bens materiais.

3. Por fim, CONCLAMAMOS que os cristãos de toda a Terra busquem compreender que o Evangelho todo é para todo o ser humano e para o ser

humano todo, incluindo a sustentabilidade da vida humana e da natureza; cada ser humano assuma o compromisso de cuidar com sabedoria, criatividade e sustentabilidade de sua vida, de seus relacionamentos e da natureza; os empresários assumam o compromisso de participar da preservação do ambiente em seus mais variados aspectos – social, ecológico, distribuição justa de bens e oportunidades para todos; os empreendimentos imobiliários sejam planejados e executados de modo a preservar o meio ambiente e a transformar o Planeta Terra numa habitação segura para a vida humana; que a educação ambiental e para a vida seja incluída na formação do sujeito histórico desde a sua infância em nossa Nação.

As autoridades governamentais, em todos os níveis, lutem contra a inépcia, a corrupção, o imediatismo, estabelecendo legislação sábia, séria e respeitosa à vida humana, à preservação e ocupação do meio ambiente; as autoridades assumam com seriedade o papel de agente fiscalizador do uso sustentável da natureza de modo a preservar também a vida humana, evitando assim os desastres ambientais como os que ultimamente temos sofrido. Tudo isto para que conquistemos a VIDA PLENA E O MEIO AMBIENTE.

A Comissão da Carta de Niterói foi composta pelo pastor Lourenço Stelio Rega, sua vez Diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo com a função de relator, pelo pastor Norton Riker Lages, sua vez Diretor do Seminário Teológico Batista Equatorial, Belém, PA e por Mere Márcia Prado Bello, ministra de música da Igreja Batista em Itacibá, Cariacica, ES. A Carta termina conclamando a um compromisso que leve em consideração as debilidades do nosso planeta. Para isso ser possível, é preciso viabilizar políticas públicas que de fato assumam os desafios de uma economia sustentável e, ao mesmo tempo, fiscalize com mais rigor o uso dos recursos naturais. Além disso, a Carta alerta que uma educação ambiental começa na infância e que crianças engajadas ecologicamente serão, no futuro, pessoas adultas com consciência ambiental.

A Carta de Niterói estabelece marcos para uma reflexão teológica, sendo o primeiro e o segundo ponto da Carta. No terceiro, ela aponta mediações pastorais para que a comunidade possa contribuir com a preservação do meio ambiente. Foi uma importante iniciativa dos batistas, principalmente quando coloca a questão do Evangelho de Jesus Cristo como algo que envolve a totalidade do ser humano e não apenas a sua “alma”. Com isso, a Carta aborda a questão da integralidade da cristã e do cristão com a sociedade e com o meio ambiente.

Outro evento com participação batista que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, RJ em 2012 foi a Rio+20. Organizado pela ONU, o evento contou com delegações estrangeiras, mas também com a ausência de nomes importantes como o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Sua presença era esperada por ser o presidente do país que, além de não ter assinado o Protocolo de Quioto, também é contra a sua renovação.

Mas o assunto na Rio+20 foi o desenvolvimento sustentável e a Organização das Nações Unidas procurou dar um rumo para o Planeta chamando todos para o diálogo a fim de traçar metas, abrir caminhos para um mundo no qual o meio ambiente seja respeitado e valorizado como fundamento da vida. Houve conferências importantes como a do teólogo Leonardo Boff, hoje o intelectual que mais reflete sobre o tema tendo inúmeras obras publicadas sobre o assunto, e Marina Silva militante do clima no País, mas que teve dificuldades com o Governo Lula quando ministra do meio ambiente. Além desses dois, o pastor batista Dr. Raimundo Barreto (2012), ex-aluno do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil e atual Diretor da Área de Justiça e Liberdade da Aliança Batista Mundial, falou no Fórum Rio+20 enfocando a bandeira que os batistas sempre tremularam da liberdade religiosa e o respeito pelos direitos humanos. Barreto abordou o tema “Sustentabilidade: a perspectiva da ONU e das ONGs”, além de organizar um painel de debates, com o Conselho Geral da Igreja Metodista Unida, Conselho Metodista Mundial e várias outras organizações, com o tema “Dimensões éticas da sustentabilidade: perspectivas religiosas e éticas”.

Um dos pontos mais contundentes de sua fala, Barreto lembrou que durante muito tempo muitos batistas confundiram a separação entre Igreja e Estado com separação entre Igreja e sociedade. Lembra ainda que os batistas foram chamados não para a alienação social e política, mas, ao contrário, serem atuantes na sociedade, como Igreja. Este tem sido o trabalho da Aliança Batista Mundial, desenvolver um papel profético junto às instituições nacionais e internacionais, no sentido de levantar questões sobre práticas que desvirtuam a justiça nas diversas sociedades mundiais.

Sobre a Rio+20, a Convenção Batista Brasileira (CBB) deu o devido destaque ao evento e promoveu, junto aos meios disponíveis de comunicação, uma programação de incentivo e reflexão sobre o tema do meio ambiente, disponibilizando recursos visuais e textos para as igrejas serem direcionadas para o tema. Além disso, a CBB (2011) criou um blog, “Vida e o Meio Ambiente”, em que postagens sobre a ecologia estivessem disponíveis.

Com esses dois eventos, a Carta de Niterói e a participação da Aliança Batista Mundial por intermédio do Pr. Dr. Raimundo Barreto, ficou evidente uma nova direção na eclesiologia e, até mesmo, no tema da escatologia. Quando a CBB, na sua cúpula denominacional, percebe a importância do tema, reflete e ainda oferece subsídios para que as igrejas assim o façam também, ela abre espaço para uma nova concepção eclesiológica, ou seja, a Igreja não é meramente uma sala de espera para o céu, ela é chamada para fomentar o Reino de Deus aqui. Para isso precisa se envolver com questões que ocupam a agenda da sociedade

e uma pauta que está sendo debatida constantemente é o tema ecológico. Uma Igreja engajada com o meio ambiente consegue conceber uma espiritualidade integral que una ser humano e natureza.

Além da eclesiologia, foram dados novos ares ao tema da escatologia. Passa a ser entendido de que o planeta é criação de Deus e por este fato é preciso refletir teologicamente sobre o seu futuro, não mais de destruição, mas de recriação. Com a preocupação ambiental, não é mais concebível falar em uma escatologia que aguarda o fim iminente de todas as coisas como se o planeta fosse um acidente da criação de Deus. Com o tema da ecologia, surge uma nova concepção escatológica que vem corrigir a maneira pré-milenista de interpretar o fim de todas as coisas. “Surge uma escatologia da corresponsabilidade para com o Planeta. É uma escatologia que desconstrói uma escatologia inadequada” (MOLTMANN; BASTOS, 2011, p. 158).

Considerações finais

“Quando a última árvore for abatida, quando o último rio for envenenado, quando o último peixe for capturado, somente então nos daremos conta de que não se pode comer dinheiro” – Cacique norte-americano Sattel *apud* Boff (1999, p. 137).

O clima pede socorro, e os mordomos de Deus na criação ignoram esta tarefa quando discute sobre tantas outras coisas e esquecem o que está aí, a vida e suas mazelas causadas, na sua maioria, pela ganância humana. A narrativa bíblica da criação apresenta a superação de tensões, humanidade-natureza e oferece caminhos para um viver harmonizado com Deus, com o outro e com a natureza. A criação é fruto do amor de Deus. Com o ato de criar Deus permanece junto a sua criação, sustentando e se relacionando com toda a obra criada. Sendo assim, a criação está toda interligada, numa relação de interdependência, Deus-Terra-Humanidade.

Aos batistas, marcados pela sua história com valores tão insígnies como a liberdade e os direitos humanos, promover meios, ainda mais efetivos, para uma participação mais contundente dos cristãos no tema ecologia. Se antes a noção de eclesiologia funcionou como um impedimento para uma militância em assuntos importantes da sociedade, hoje, pelos exemplos que a própria Convenção Batista Brasileira (Carta de Niterói) e a Aliança Batista Mundial (Rio+20) deram em relação ao tema, é possível pensar a participação da Igreja neste importante debate que é a ecologia. Com uma escatologia saudável, no sentido de fazer com

que a Igreja se sinta corresponsável pelo futuro da criação, novos céus e novas terras ainda será o alvo da missão da Igreja.

Referências

- ALVES, R. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.
- AZEVEDO, I. B. de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- BOFF, L. *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 1999.
- BRAGA, M.; GUERRA, A.; REIS, J. C. *Breve história da ciência moderna: das máquinas do mundo ao universo-máquina (séc. XV a XVII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, Vol. 2.
- CUNHA, M. do N.; RENDERS, H., SOUZA, J. C. *As igrejas e as mudanças sociais: 50 anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: ASTE/EDITEO, 2012.
- GOUVÊA, R. Q. "Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos". In: *Ultimato*, edição 315 (nov./dez. 2008). Disponível em: < <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/315/quarenta-livros-que-fizeram-a-cabeca-dos-evangelicos-brasileiros-nos-ultimos-quarenta-anos> >. Acesso em: 20 ago. 2013.
- LESSA, H. S. *Ação social*. [Rio de Janeiro]: [1964]. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/32351078/Acao-Social-Crista-Helcio-da-Silva-Lessa> >. Acesso em: 12 set. 2013.
- LOPES, N.; RENDERS, H. "Manifesto dos Ministros Batistas do Brasil de 1963: o evangelho social num documento direcionado às Igrejas da Convenção Batista Brasileira". In: *Caminhando*, v. 15, n. 2, p. 212-221 (jul./dez. 2010). Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/2137/2270> >. Acesso em: 20 ago. 2013.
- MACARTHUR, JR., J. *A sós com Deus: o poder e a paixão pela oração*. Brasília: Palavra, 2009.
- MENDONÇA, A. G. "Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil". In: MENDONÇA, A. G.; FILHO VELASQUES, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 11-59.
- MOLTMANN, J.; BASTOS, L. *O futuro da criação*. Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2011.
- SHEDD, R. P. *Escatologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- SILVA, N. T. *Do confronto ao diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

Referências eletrônicas

BARRETO, R. "Rio +20". In: Página *Vigiai.et*, 2012. Disponível em: < http://vigiai.net/articles.php?article_id=2460 >. Acesso em: 20 ago. 2013.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA (CBB). "Carta de Niterói". In: *Convenção Batista Centro América* Página eletrônica da CBAC: Desde 2011. Disponível em: < http://www.batistasmt.com.br/conteudo/carta_de_niteroi?id=25 >. Acesso em: 20 ago. 2013.

_____. Página eletrônica: *Vida e Meio Ambiente*. Desde 2011. Disponível em: < <http://vidaemeioambiente.wordpress.com> >. Acesso em: 20 ago. 2013.

_____. Página oficial. Disponível em: < http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=619&Itemid=48 >. Acesso em: 20 ago. 2013.

Submetido em: 8-9-2013

Aceito em: 3-10-2013